

**LEITURA E RECEPÇÃO
TEXTUAL NA SALA DE
AULA NO CONTEXTO
DA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA¹**

ALVES, Andresa Guedes K. ²

¹ Trabalho desenvolvido no segundo semestre letivo de 2005, como pré-requisito para a conclusão do curso de Especialização em língua Portuguesa: Leitura e Produção de Texto, da Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ

² Docente na área de Letras na Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ – Ceará.

RESUMO: A importância da prática da leitura para o desenvolvimento social, intelectual e sócio-político do leitor é assunto de muita relevância. No entanto, sabemos das limitações pelas quais passam alunos e professores no processo de ensino aprendizagem dessa prática. Este trabalho, objetiva conscientizar o professor da necessidade de proporcionar, desde as séries iniciais, no ambiente escolar, condições para práticas de leituras interativas, despertando o gosto do aluno pela leitura com intenção de formar leitores atuantes. Portanto, propomos um estudo sobre novas possibilidades de concepção de leitura. Além de exaltar a importância do professor leitor nesse processo. A abrangência e o aprofundamento deste estudo, ainda são limitados, porém bastante promissora.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas de leitura, leituras interativas, formação de leitor.

INTRODUÇÃO

Sabemos da importância da leitura para inserção do cidadão nas posições sociais privilegiadas do sistema. No entanto, a acessibilidade aos conhecimentos transmitidos pela leitura é um processo que ainda anda longe de alcançar o objetivo almejado para grande maioria dos cidadãos brasileiros. Um dos fatores que inibem esta acessibilidade é a atual conjuntura econômica do país, em que muitos não têm condições financeiras para suprir necessidades básicas quanto mais para a aquisição de livros. Este aspecto agrava-se, somado ao fato de que, a mentalidade do povo nos países periféricos ainda é fortemente marcada por uma representação política que trabalha em causa própria, ignorando as reais necessidades do povo.

Lamentavelmente, o índice de analfabetismo no Brasil é muito grande, considerando que, do contingente que têm acesso à escola, muitos não chegam a completar o ensino fundamental e outra grande parcela não conclui o ensino médio, e assim, sucessivamente. Ainda é importante observar que, dos que chegam ao nível superior, apenas uma minoria sabe interagir com o texto, isto é, apresentam habilidades de leitura, compreensão e interpretação textual competentes.

Nesta perspectiva, o presente estudo pretende discutir sobre a importância de práticas diferenciadas de leitura na escola, compreendendo-as como possibilidade de

alteração das concepções de leitura apresentadas pelos professores das séries iniciais, cuja tendência é entender a leitura de forma mecânica e restrita aos textos dos livros didáticos no processo de aprendizagem.

Propomos um estudo sobre novas formas de olhar o texto num momento fortemente marcado pelas influências da internet, que afasta ainda mais as crianças de leituras qualitativas. Nesse sentido, pensamos numa proposta de leitura que, além do compromisso político, contemple o leitor como ser atuante na construção da história. Não apenas aquela leitura que sacie as respostas do leitor, mas que o incentive a questionar e o capacite a buscar novas respostas e soluções. Uma leitura que o tire da acomodação e insignificância e ao mesmo tempo o torne capaz de continuar sendo leitor, independentemente da escola.

O propósito do trabalho se justifica pela certeza de que, no atual contexto da educação brasileira, ainda existem muitos professores equivocados em relação às concepções de leitura, pois a compreendem apenas como deciframento do escrito. Além disso, considere o fato de que, na sociedade administrada pelos princípios do capitalismo, alguns trabalhos e formas de vida contribuem para “analfabetizar” por não disponibilizar aos indivíduos acesso à leitura, enclausurando-os em sua própria ignorância pela falta de políticas de incentivo à leitura no espaço escolar e fora dele. E estes indivíduos, não sentindo qualquer necessidade da leitura em sua vida social, acabam por tornarem-se analfabetos funcionais.

Para Lajolo “alguns elementos que estão presentes nas condições escolares de produção da leitura agem como obstáculos ao trabalho. Apontá-los é tomar consciência do que significa, então, propor a superação dos pontos falhos à criação de alternativas” (LAJOLO, 1997, p. 59).

Observa-se ainda que a maioria dos professores tem vontade de mudar o quadro crítico em relação à leitura, mas não sabem nem mesmo por onde começar, chegando até a repassarem a responsabilidade para o parceiro de uma série seguinte, ou atribuindo a não eficiência da leitura aos colegas das séries anteriores.

I. LEITURA E RECEPÇÃO TEXTUAL NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE INTERAÇÃO

Uma atitude que julgamos louvável para iniciarmos a discussão do assunto proposto é partir das concepções sobre leitura. Hoje, as concepções sobre leitura ainda apresentam-se confusas para muitos professores. Alguns ainda acreditam que ser alfabetizado compreende “ler e escrever” sem levar em conta as contribuições que o texto trás para sua vida, para seu eu/leitor, sendo incapaz de argumentar sobre o tema exposto. Tal concepção não se aplica ao que se entende por leitor, aquele que domina o processo de leitura efetivamente, no sentido proposto por Lajolo:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 1982, p. 59).

Nesta perspectiva, Lajolo amplia o sentido sobre o processo de aquisição da leitura e sobre o perfil do leitor, compreendendo-o como um processo que vai além das séries iniciais.

Sabemos que apesar de não ser o único, o professor ainda é o elemento mais importante e incentivador para despertar no aluno o gosto pela leitura. E a escola, o ambiente mais propício para desenvolver esta tarefa. Claro que de forma metodológica e acompanhada, o que não implica dizer que seja de maneira forçada e sim prazerosa. Pois a escola é o ambiente no qual o aluno tem mais contato com o texto escrito.

Geraldi assevera que “recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela exclui por princípio - o prazer - parece ser o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de incentivo à leitura” (GERALDI, 1985, p. 86).

O professor precisa despertar no aluno o prazer de ler de uma forma espontânea, proporcionando momentos agradáveis de leitura, nos quais o aluno por si só escolha a obra, motivado por indicação de um colega, por sentir-se atraído pela ilustração da capa, pelas características dos persona-

gens, entre outros. O importante é uma seleção prévia, pelo professor, dos livros expostos aos alunos.

Outro ponto que merece ser observado é a situação em que os textos são produzidos e cobrados em sala de aula, pois há certa confusão a cerca das concepções sobre redação e produção textual, além de as condições de produção serem “castradoras de idéias”, pelo modo como o processo é conduzido na sala de aula.

Os textos produzidos pelos alunos em linguagem escrita, na grande maioria não passam de respostas dadas pelos conteúdos sistematizados, quer pelos livros didáticos, quer pelos professores, conteúdos esses que funcionam como eixo diretivo em sala de aula, estabelecendo implícita ou explicitamente o que deve ser registrado (AZEVEDO E TARDELI, 1997, p. 35).

Neste aspecto, identificamos um dos maiores problemas encontrados na sala de aula que é a questão da imitação das idéias propostas pela escola. Exemplo disso é o fato de o aluno não ler o texto para extrair as idéias contidas nele, mas para responder aos questionários solicitados nos livros didáticos ou indicados pelos professores. Nesse sentido, a escola não ensina o aluno a interpretar e interagir com os textos.

Geraldi (1985), afirma que na escola não se lêem textos, apenas se faz exercícios de interpretação e análise dos mesmos, e isto nada mais é do que simular leituras.

Uma abordagem que parece apresentar encaminhamentos com o texto na sala de aula de forma a contemplar alunos e professores como sujeitos leitores numa perspectiva de interação é o Método Recepcional, derivado da Estética da Recepção. Esta proposta tem origem na reflexão dos teóricos alemães da Escola de Constança que teve sua concretização derivada dos trabalhos do polonês Roman Ingarden, na década de 30, e do tcheco Felix Vodicka na década de 40.

De acordo com as idéias destes autores, na Estética da Recepção, o foco está voltado para o autor-texto-leitor, no qual o texto é apenas um esquema verbal e o seu sentido será preenchido pelo leitor no momento da leitura, de acordo com seu horizonte de expectativas. Assim, o leitor assume um papel de elemento atuante no processo, pois ele será responsável

por preencher as lacunas deixadas que completem o sentido pretendido pelo autor. É nesse momento que existe a interação entre autor/leitor determinando a fusão dos diferenciais ideológicos e culturais entre ambos. Daí surgirá à quebra, por meio dos temas propostos, das expectativas do leitor, o que determinará a expansão ou mudança do seu comportamento em relação ao mundo que o cerca. Desta forma, o texto será avaliado por meio da descrição de componentes internos e dos espaços vazios a serem preenchidos pelo leitor.

Os objetivos do método recepcional, segundo Bordini e Aguiar (1993), tradutoras da Estética da Recepção no Brasil são: a) efetuar leituras compreensivas e críticas; b) ser receptivo a novos textos e a leituras de outrem; c) questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural; d) transformar os próprios horizontes de expectativas bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social.

Tais objetivos corroboram para a formação de leitores, pois a proposta do método recepcional também indica um trabalho em que o professor pode se utilizar de diferentes tipologias textuais. Isso dá margem para que não se limite o processo de leitura a um único gênero, facilitando a escolha do professor, de um material diversificado sobre um determinado tema, que melhor se adapte às necessidades de seus alunos e do projeto de leitura escolhido.

Nesta perspectiva, é importante ressaltar a formação continuada do professor leitor e do professor pesquisador, atributos que contribuem em grande escala para o sucesso das atividades propostas a partir do método recepcional.

1.1 A Importância do Texto Literário na Formação de Leitores

Desde a origem da literatura até então, o texto literário teve uma contribuição significativa para o desenvolvimento intelectual e social do homem. Zilberman (2001), reflete sobre a influência do livro na vida de diversos escritores e filósofos. Também aborda sobre a importância de um livro para a formação cultural do indivíduo.

O texto literário está presente na vida dos indivíduos desde o nascimento à sua morte, se pensarmos nas lendas,

nos mitos, nas histórias que registram o fazer humano sobre a terra. Nesse sentido, nenhuma outra forma de ler o mundo é tão eficaz e rica quanto a literatura, especialmente a literatura infantil, no caso da formação de leitores, devido aos temas e à simbologia explorada por seus autores. Segundo Coelho “literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão” (COELHO, 2000, p. 56). A princípio, parece fácil descrevê-la, mas muitas discussões são geradas nas escolas relacionadas a esse assunto e muitas são as dificuldades apresentada pelos professores quanto ao encaminhamento adequado que se deve dar a essa tipologia textual.

Na contação de histórias é possível trabalhar com sentimentos e emoções, fazendo com que a criança aprenda a lidar com diferentes situações e limites. Através do auto-conhecimento passa a entender também o outro, pois a literatura proporciona momentos de descobertas do real e também do fantasioso.

No ato de contar histórias, o professor precisa estar consciente dos benefícios ou prejuízos que este ato pode causar, percebendo que a contação de histórias não é uma atividade sem propósito, olhando e levando a criança a olhar de forma diferente para o livro de literatura. Toda criança em processo de alfabetização pode se beneficiar da literatura, apesar de ela ainda não possuir por parte de muitos educadores, um olhar diferenciado, pois alguns educadores infantis não priorizam o ato de contação de histórias que é a primeira porta para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

De acordo com a abordagem do método recepcional, o professor pode partir das histórias tradicionais, mais conhecidas das crianças e apresentar-lhes os contos contemporâneos, rompendo com os horizontes de expectativas dos leitores mirins e instigá-los a novas descobertas. Muitos professores ainda resistem em aceitar os benefícios que a literatura traz ou simplesmente desconhecem-na, podendo aproveitar do momento de leitura das crianças para ampliar seu próprio universo cultural por meio de pesquisas e descobertas de autores que possam ser levados ao conhecimento de seus alunos.

Mas, para que tudo isso aconteça naturalmente é necessário que criança, a escola e o professor tenham um relacionamento íntimo com a leitura. É claro que esse envolvimento entre aluno-professor-leitura, vai depender de muito trabalho e esforço por parte dos professores e também da família, que deverá colaborar para que ao longo do tempo a criança adquira prazer pela leitura.

A partir do trabalho de descoberta da literatura infantil, o professor leitor deve apresentar para os alunos, outras tipologias textuais, orientando a criança em novos modos de receber outros textos e indicando-lhes também as diferentes funções que os textos ocupam na sociedade, descobrindo além do prazer de ler, o prazer de conhecer.

2. O PAPEL DA LEITURA NO DESENVOLVIMENTO HUMANO E DIFERENTES MODOS DE LER

O homem é um ser social e como tal usa a linguagem como forma de interação, corroborando que ela é totalmente dotada de um sentido, pois “não são palavras o que pronunciamos ou executamos, mas, verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis” (BAKHTIN, 2000, p.280). Nesta perspectiva, podemos confirmar a necessidade que o homem tem de comunicar-se, interagindo, aceitando ou discordando das idéias do outro, construindo ou contribuindo para construção de sua personalidade e com a do outro.

Segundo Cagliari (2000), no mundo em que vivemos é muito mais importante ler do que escrever. Muitas pessoas alfabetizadas vivem praticamente sem escrever, mas não sem ler. Há muitos analfabetos de escrita que não são analfabetos de leitura. Sobretudo, pessoas que vivem nas cidades precisam saber ler pelo menos placas de ônibus, números, nomes, etiquetas, documentos, entre outros.

O autor assevera que, dados os problemas sérios de repetição evasão escolar, seria bom que a escola se preocupasse menos com a escrita, especialmente com a ortografia, e desse maior ênfase à leitura, desde a alfabetização.

Para ele, além de ter um valor técnico para a alfabetização, a leitura é ainda uma fonte de prazer, de satisfação pessoal, de conquista, de realização, que serve de grande estímulo e motivação para que a criança vá à escola.

Numa sociedade como a nossa, vemos “culturas diferentes” distribuídas não só geograficamente, mas ainda diacronicamente. Há pessoas que vivem mais os hábitos do passado, como há as que pretendem viver no presente e as que imaginam como será o futuro. Assim, em outros tempos liam-se livros para se conhecer os fatos, o que ocorria com certo atraso com relação aos acontecimentos. Atualmente, com a televisão e a internet, pode-se saber o que acontece no mundo quase que instantaneamente. Devido às mudanças na sociedade midiática, esse aspecto cultural mudou e simultaneamente mudaram algumas práticas de leitura.

Conforme Cagliari (2000), os livros e revistas se especializaram em certos assuntos, e os jornais abriram novos caminhos, antes próprios de livros e revistas especializadas. Parece que, no contexto atual, lêem-se mais revistas do que livros. O mundo mudou e as práticas de leitura também mudaram.

Dessa forma, a leitura merece destaque em relação à forma de comunicação e interação, pois desde o princípio existiam as marcas das impressões escritas pelo homem nas cavernas dado a necessidade de se expressar. E se existia uma vontade de registrar algo é porque se tinha a intenção de que alguém pudesse ler.

Tomando essa idéia como empréstimo, podemos nos certificar de que a leitura é o melhor veículo para transportar os conhecimentos desde os primórdios até à modernidade e que, com a evolução do homem evoluíram juntos os conhecimentos e sua forma de acesso a estes.

Atualmente, contamos com um oceano de informações e possibilidades que contribuem diretamente no processo educacional e no desenvolvimento do homem e da sociedade que o cerca. Exemplo disso são as páginas da internet que possibilitam aos internautas acesso garantido a uma infinidade de conhecimentos de todas as áreas de pesquisa o que possibilita uma comunicação do homem com um contingente de pessoas

nunca antes possível. No entanto, é preciso que o professor saiba também orientar seus alunos na recepção desses textos. Que seja capaz de alfabetizar seus alunos para utilizarem as tecnologias que se encontram hoje ao alcance das crianças. Caso contrário o aluno pode se perder no universo virtual, gastando seu tempo com futilidades e fugindo de boas leituras.

3. LEITURA E NOVAS TECNOLOGIAS

O contexto da modernidade traz uma série de mudanças de paradigmas. Dentre eles, o impacto das novas tecnologias em educação, o que se coloca para os professores como uma necessidade de pensar a cultura letrada com ênfase nas transformações da leitura em face do advento do formato eletrônico em relação ao formato impresso.

Talvez, o ponto de partida das reflexões do professor seja o contexto das motivações cognitivas das novas tecnologias face às demandas sociais de participação comunicativa e acesso democrático às fontes, como lembra Villaça (2002), concentrando-se nos usos e aplicações destas inovações tecnológicas.

A autora salienta a importância de se refletir sobre o acesso ao saber na contemporaneidade e seu processo de legitimização, as questões culturais implicadas, dentre outros aspectos.

Refletir sobre os processos de comunicação e cultura, sobre a constituição de novos sujeitos políticos em tempos de transnacionalização, significa deixar de pensar a partir das disciplinas e dos meios, significa romper com a hegemonia do pensamento tecnológico 'per se' e articular as práticas de comunicação aos movimentos sociais na produção do sentido em seus vários níveis (VILLAÇA, 2002, p. 17).

Observa-se na exposição da autora, uma preocupação que deve ser também objeto de reflexão dos professores das séries iniciais; o destino do livro. Villaça reflete sobre a necessidade de uma atenção maior para a literalidade na cultura contemporânea que ruma para além da cultura livresca, e assim chama a atenção sobre a relação entre literatura e livro eletrônico.

Villaça (2002) aborda a questão da comunicação como projeto e insere a discussão sobre o livro eletrônico no espaço de intercessão entre homem e máquina, contextualizando o de-

bate no cenário da contemporaneidade em seu aspecto de cultura e economia global. Nesta perspectiva, destaca o desenvolvimento de uma Ideologia da Comunicação que emerge após a segunda guerra mundial e lança mão de duas metáforas (Frankenstein e Cibionte)³ para tratar da relação homem/máquina.

Com o apelo às metáforas do Frankenstein e do Cibionte, quero aludir inicialmente ao fato de que a questão do eletrônico, no complexo informático/comunicacional, participa por um lado de um imaginário maquínico, negativo, agente de desumanização, robotização, descorporificação, desmaterialização e, por outro, positivo, ao respeitar, devido a seu caráter interativo, a crescente complexidade homem/máquina, as incertezas e imprevisibilidades dos devires que vieram substituir o futuro programado do projeto moderno (VILLAÇA, 2002, p.95).

A metáfora do Frankenstein vem justamente expressar uma redução do indivíduo à condição maquínica, estabelecendo uma forma de controle à medida que lhe retira a capacidade de discernimento pelo tautismo (repetição e autismo).

Por outro lado, o Cibionte irá expressar a promessa de um novo estado do humano, de um devir antropológico.

Neste sentido, o professor precisa refletir mais sobre o medo de uma nova tecnologia que possa abolir antigas tecnologias, pois o livro eletrônico se encontra em estado de formação, não havendo que se acatar ou refutar qualquer tecnologia, visto que ainda não há claramente uma definição do objeto em questão como um modelo que atenda as expectativas que sobre ele se depositam.

De uma forma geral, o processo da passagem aos hábitos eletrônicos, ou seja, a incorporação dos novos meios se faz paulatinamente desafiando os prognósticos sobre mortes ou revoluções. O livro

³ Frankenstein faz referência ao monstro clássico de Mary Shelley e Cibionte refere-se a macroorganismo resultante da simbiose e da articulação do biológico com o mecânico e o eletrônico. As sociedades atuais constituem o cibionte, pois coexistem e co-evoluem juntos os seres humanos, as sociedades, as máquinas e as redes de informação formando um todo que prolonga o processo evolutivo, agora co-pilotado pelo ser humano. BOFF, Leonardo. *Saber cuidar - Ética do humano - compaixão pela terra*. São Paulo: Vozes, 1999.

impresso continua a circular, como também os manuscritos o fizeram até o século XIX (VILLAÇA, 2002, p. 110).

A autora argumenta sobre a necessidade de se estabelecer uma filosofia política da imbricação arte/ciência, compreendendo que os ambientes tecnológicos seriam da ordem da ciência, estando a produção artística neste ambiente em estado indiferenciado do científico.

A necessidade de uma “filosofia política da arte e ciência” se daria em razão do reconhecimento de que a humanidade encontra-se em um ponto de passagem ideológica, cuja chave residiria na ordem da política, da transformação do leitor/usuário que se colocaria diante de um novo paradigma.

Cada terminal está se transformando em um pólo socialmente ativo, através do qual “os consumidores transformam-se em utilizadores criativos dos recursos audiovisuais oferecidos, por exemplo, pelo texto eletrônico: a escrita, a imagem e a música” (VILLAÇA, 2002, p. 120). Assim, o ato de ler um texto eletrônico representa simultaneamente um “moldar-se” à um novo paradigma, à uma nova filosofia de vida. Esta “vitória do software” estabelecerá um pacto mundial que anuncia a emergência de uma sociedade transcultural e transacional, conforme Villaça (2002), lembrando que:

Nem a categoria de linearidade limitadora que tem sido conectada ao imaginário do livro, nem a noção de esperança no milagre tecnológico constituem resposta adequada aos problemas do contemporâneo, se este não for enfrentado como permanente enigma, lugar onde a complexidade não pode virar certeza, nem a tecnologia, deslumbramento lúdico (VILLAÇA, 2002, p.121).

Num processo de mudanças e incertezas provocado por novos paradigmas, o professor precisa compreender o lugar do livro impresso e o lugar do texto eletrônico no conjunto da produção cultural e simbólica do homem contemporâneo, para poder orientar democraticamente a leitura de seus alunos e atingir objetivos significativos na formação de leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que as tecnologias digitais estão provocando uma revolução em diversos âmbitos da organização

cultural planetária de modo muito similar à revolução provocada pelo surgimento da escrita alfabética entre os gregos.

As novas descobertas sobre o funcionamento da escrita nos abrem diversas portas. Elas podem modificar a nossa noção de signo, ainda muito ligada a uma ciência lingüística, a que via a escrita como mera transcrição fonética; podem nos trazer novas definições de leitura, texto e discurso; podem promover a elaboração de novas linguagens gráficas, principalmente para o uso em suportes eletrônicos; podem, além de tudo, estabelecer uma nova maneira de se pensar, pois o esclarecimento das relações que ligam os sistemas de escrita aos modos de pensamento (e de outras relações similares) podem resultar num uso mais consciente das técnicas de leitura e escrita utilizadas pela humanidade.

É preciso observar a ocorrência de uma mudança no quadro educacional brasileiro. Mudança esta, em que se pode minimizar as lacunas existentes em relação à pedagogia da leitura utilizada pela escola, numa perspectiva mais positivista para um enfoque sócio interacionista, que tende deslocar o leitor de uma posição quase insignificante para uma outra de destaque, tornando-o apto a compreender o texto em suas entrelinhas, podendo concordar ou discordar do mesmo, sentindo total confiança para criticá-lo pois terá argumentos para fazê-lo.

Nesse sentido, constatamos a importância de se estudar o texto e desvendá-lo de forma paulatina, explorando em sala de aula as diversas tipologias textuais pois, por meio desse enfoque, vão-se desencadeando e expandindo, de uma forma bastante extensa, a conscientização dentro de uma lógica, e a integração e o sentido do currículo escolar com relação à formação de leitores.

Nesta perspectiva, estabelece-se como relevante questão a necessidade de se pensar cautelosamente sobre as transformações das tecnologias do texto, trazendo também para a discussão a análise de novas tecnologias empregadas nos processos de leitura e escrita, as quais contribuem para o alargamento das fronteiras do campo da comunicação e sua interação com outros campos, como por exemplo, o literário, por meio da formação de novos gêneros de produção e difusão de narrativas, dentre ou-

tros, que devem ser explorados com mais atenção pelos professores e, sobretudo, pelos cursos de formação de educadores.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, C. B & TARDELI, M.C. Escrevendo e falando na sala de aula. In: CITELLI, B. H. M; GERALDI, J. W. (org.) *Aprender e ensinar com textos de alunos*. São Paulo: Cortez, 1997, v. I, p. 35.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins fontes, 2000.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar - Ética do humano - compaixão pela terra*. São Paulo: Vozes, 1999.

BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira. *A formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: mercado Aberto, 1993.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Scipione, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000, p. 166.

GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula: leitura & produção*. Cascavel, PR: ASSOESTE, 1985.

LAJOLO, Marisa. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2000.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores*. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

VILLAÇA, Nilza *Impresso ou eletrônico? Um trajeto da leitura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.